

Versão Online ISBN 978-85-8015-080-3  
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE  
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE  
Artigos

2014

# A PERCEPÇÃO DO ESPAÇO VIVIDO POR ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Vanderlei José Ferreira<sup>1</sup>  
Jeani Delgado Paschoal Moura<sup>2</sup>

## RESUMO

A maneira como os alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) percebem o seu mundo vivido será explorada em sala de aula, na disciplina de Geografia, contribuindo na construção do conhecimento a partir da confrontação dos saberes anteriores e prévios que os mesmos possuem da sua experiência e vivência no mundo, com as 'essências' da ciência geográfica, contribuindo para uma formação autônoma e participativa.

**Palavras chave:** Educação de Jovens e Adultos, mundo vivido, conhecimento, percepção.

## 1 INTRODUÇÃO

Como os Educandos da Educação de Jovens e Adultos se reconhecem no seu espaço de vivência? Que importância atribui ao espaço onde vivem, que leitura conseguem fazer dos diferentes espaços vividos? Como agem e vivem dentro desse espaço? Será que conseguem perceber que também são agentes produtores e consumidores do espaço onde vivem? Como percebem e interpretam o espaço vivido?

Investigamos como os alunos da educação de jovens e adultos percebem, vêem, sentem, entendem, interpretam, vivem e convivem com o seu espaço cotidiano. Os significados desse espaço na vida de cada indivíduo, a visão e construção que fazem e trazem para a sala de aula sobre o espaço vivido, será foco desta pesquisa. Essas impressões e percepções irão contribuir para a construção dos conceitos chave da Geografia que compõem as essências do espaço geográfico: o lugar e o espaço (vivido, percebido e concebido). Considerar o saber geográfico que os alunos da EJA possuem previamente, a partir da leitura e das

---

<sup>1</sup> Professor de Geografia do Ensino Fundamental e Ensino Médio da rede pública do Estado do Paraná. Aluno do Programa de Desenvolvimento Educacional da Secretaria do Estado do Paraná/PDE.

<sup>2</sup> Orientadora/ Professora Adjunta da Universidade Estadual de Londrina/UEL.

impressões do seu lugar vivido, é importante, pois assim, valorizamos esses indivíduos no processo educativo, com os seus saberes e conhecimentos prévios, o que favorece a construção pedagógica da produção e construção do processo de ensino e aprendizagem. Essa vivência de mundo deverá articular o conhecimento de vida e de mundo do aluno com os conceitos científicos da Geografia. Considerando que o espaço vivido é uma construção social, e, portanto, o espaço vivido tem uma identidade, uma referência para cada um, o aluno já tem uma experiência de vida, pois vive em um determinado espaço que é permeado de diferentes relações históricas e sociais. A Geografia trabalha com conhecimentos ligados ao mundo vivido.

A importância de se estudar o espaço vivido, a partir da percepção do aluno da EJA, portanto, é de inseri-lo como sujeito co-autor no processo da construção de um saber geográfico mais elaborado, científico, reconhecendo o seu saber e as suas impressões sobre o seu espaço vivido, o lugar, e a partir desse entendimento do que o aluno da EJA percebe e vive, a sua subjetividade que é esse saber anterior prévio sobre o espaço vivido vem da sua experiência de vida, especialmente, porque essa modalidade de ensino trabalha com o aluno trabalhador jovem e adulto que já estabelece diferentes relações no seu cotidiano e no seu lugar social. Com isso valorizamos esse indivíduo que se torna sujeito na produção e construção do conhecimento. Mas, para que isso aconteça, é fundamental que os professores de Geografia, especialmente, tenham essa atitude e intencionalidade na sua própria prática para a construção do saber científico, que é a de reconhecer que os seres humanos são seres históricos e geográficos, que constroem a sua história em um determinado espaço, e que, existe um saber geográfico anterior a escola, que vem da vivência, dos significados, das impressões, das relações que são estabelecidas na e pela própria sociedade e suas diferentes estruturas de funcionamento.

A contribuição desse estudo para a educação, de um modo geral e para a Geografia de forma mais específica, é a de repensar a prática social e política da escola pública, bem como a prática docente, e todos os envolvidos e responsáveis pela educação escolar, no processo da formação para a cidadania, na construção dos valores e atitudes dos sujeitos para a vida social cotidiana. Precisamos cada vez mais formar sujeitos com capacidade crítica para entender o mundo atual, saber se posicionar, atuar e melhor conviver na sua espacialidade, no seu lugar vivido, que hoje pode ser a escala local, mas também a global.

## 2. A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) E O ENSINO DE GEOGRAFIA

Os alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) são, em sua maioria, trabalhadores, pessoas que por diferentes razões tiveram que se afastar da escola, e não cumpriram a sua escolarização e formação no tempo certo, portanto, se faz necessário na educação de jovens e adultos uma redefinição e significação dos conteúdos a serem propostos na construção do conhecimento, como também práticas pedagógicas que possam contribuir com a socialização e integração desse grupo.

Pensando no ensino da Geografia e na sua prática pedagógica, é interessante que façamos uma reflexão acerca de como estamos construindo com os alunos da EJA os principais conceitos geográficos que identificam a maneira de viver de cada um no seu espaço vivido. Será que a realidade vivida de cada indivíduo a partir do seu cotidiano é considerada e valorizada pela Geografia escolar e pelo professor de geografia? Será que a escola como um todo e a Geografia escolar tem cumprido o seu papel específico abordado nas Diretrizes Curriculares da EJA com esses alunos trabalhadores em ser mais coerente com a sua realidade vivida? Será que estamos levando em conta as histórias de vida desses indivíduos e oportunizando para esses sujeitos externalizarem as suas experiências de vida cotidiana e sua subjetividade? Enquanto professores estamos considerando o conhecimento acumulado dos alunos dessa modalidade de ensino? Quais os devidos significados, para integrarmos aos conteúdos que planejamos para cada aula sobre os fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia?

Muitas vezes, desconsideramos essa contribuição tão importante da geografia do cotidiano, trazida pelos alunos da EJA. É necessário que façamos uma reflexão em nossa prática pedagógica, para confrontarmos o nosso trabalho com a Geografia e os seus conceitos no ensino da EJA para compreendermos melhor como o aluno percebe o seu espaço vivido, o seu lugar no mundo. Atribuindo uma atenção maior na contribuição trazida por esses sujeitos na sua maneira de ver o espaço vivido, ouvir suas histórias de vida, dar importância a essas histórias e os significados que estão presentes nesses depoimentos, perceber assim que estes alunos já tem a sua geografia. É importante questionar os alunos sobre essas experiências de vida, bem como a sua vivência, que acontece em um determinado espaço geográfico.

Contribuir com o ensino de Geografia, valorizando o conhecimento cotidiano de mundo trazido pelos alunos da Educação de Jovens e Adultos para que esses saberes sejam reelaborados, ressignificados e confrontados com o saber científico, possibilitando para esses sujeitos uma melhor compreensão de seu mundo vivido.

### **3. A PERCEPÇÃO E O ESPAÇO VIVIDO**

A percepção está ligada à maneira como o ser humano apreende, vê o seu espaço, como estabelece uma relação social e uma visão de mundo com o seu lugar vivido. Motta (2003, p.37) complementa: “quando se percebe, portanto, que são os seres humanos que preenchem e fazem o espaço, começa-se também perceber o quanto esse espaço é dinâmico e complexo, porque nele são construídos símbolos, significados, as relações, os mitos, as crenças, as emoções, o visível e o invisível”. Frémont afirma que: “O espaço vivido é um espaço-movimento e um espaço tempo vivido” (1976, p. 33). Portanto, o espaço vivido tem movimento, tem história é carregado de impressões e sentimentos.

A subjetividade é um elemento que está presente na análise do espaço vivido, os significados e as interações estabelecidas entre os sujeitos é o que dá forma e dinâmica ao espaço vivido. Os diferentes olhares lançados sobre esse espaço e o que enxergam esses olhares têm respostas e maneiras diferentes na percepção de cada um. A leitura diferente feita por cada um, dos espaços e lugares, vai variando conforme a idade, e a isso estão relacionadas as diferentes etapas da vida dos homens e mulheres, com grande influência da cultura e dos horizontes de vida de cada um. Claval (2001, p.90) reforça esta questão afirmando que “os contatos possíveis mudam com a idade”. Isso quer dizer que o tempo marca as impressões e as relações sociais dos homens com o seu espaço vivido.

Sobre a importância da interpretação do mundo, Freire (1987, p.70) afirma que precisamos descobrir o mundo “por debaixo e por trás do que se vê”, ou melhor, desenvolver a capacidade de uma visão crítica da realidade vivida. Freire afirma também que “o mundo é um espaço em construção”, com isso reflete que somos seres inacabados, que estamos sempre em construção e que não existe “um homem no vazio” o homem está sempre construindo o seu espaço, e é ele próprio sujeito da sua história. Dentro desta abordagem sobre o espaço e os seus diferentes contextos de percepção e expressão, é importante evidenciarmos, os conceitos de

espaço carregado de significados, impressões e percepções feitos pelo filósofo e sociólogo Henri Lefebvre (LEFEBVRE, 1974) que são os conceitos de espaço percebido, concebido e o espaço vivido, ambos com uma inter-relação forte. O espaço percebido é o que envolve a prática social de cada grupo ou sociedade, e essa prática depende de cada formação social. O espaço concebido está ligado às representações sociais do espaço que tem forte influência dentro da sociedade. Já o espaço vivido é o espaço dos habitantes, dos homens e de suas apropriações das imagens e dos símbolos que os acompanham, fazem parte do seu cotidiano e que vão acompanhar por toda a sua existência.

O espaço vivido é o local cotidiano onde estabelecemos nossas relações humanas, onde criamos os laços afetivos, emocionais, sociais, onde surgem os significados, como diz Frémont (1976, p. 242), é o “espaço onde a vida acontece”. Esse espaço precisa ser entendido, sendo o espaço do homem, dos habitantes que estão ali vivendo e convivendo, não deve ser um espaço estranho, precisa de compreensão, pois envolve diretamente diferentes dimensões, relações e convívio. Essas diferentes relações abrangem uma análise que deve ser sempre ampliada, como lembra Kimura (2008, p. 179), onde “considera-se que a análise do cotidiano é uma análise ampliada, abrangendo, o político, o social e o econômico que não se excluem como fatores explicativos”. A sociedade é composta por esses fatores, políticos, sociais e econômicos; são eles que determinam e condiciona a vida cotidiana, o mundo vivido de cada sujeito.

A experiência de vida de cada um faz com que se perceba ou não as transformações e alterações que o mundo vem passando por conta da alteração destes fatores, são os relatos ingênuos de cada um que precisam ser considerados pela Geografia. Sobre o homem indiferente e estranho, Frémont (1976, p.442) chama a atenção dizendo: “O homem, estranho a si próprio e aos outros, torna-se também estranho ao espaço onde vive”. Fica evidente a importância de se conhecer o espaço vivido, seu funcionamento, os elementos presentes que os compõem, para que se faça uma oposição ao espaço alienado, que é o espaço esvaziado de seus significados, que como ainda nos lembra Frémont (1976, p. 242), a “alienação esvazia os espaços dos seus valores, cria uma reprodução social e lugares regulados [...]”.

A Geografia demorou algum tempo para levar em conta a importância do lugar e do espaço vivido como categorias importantes de estudo e análise. Durante

muitos anos o conceito de lugar esteve relacionado diretamente ao fator locacional, contribuindo e favorecendo para uma geografia tradicional e fragmentada, que em nada colaborava numa formação acadêmica mais crítica e social. Sobre isso é importante a contribuição de Cavalcanti (2002, p 19) que diz o “espaço geográfico não é apenas uma categoria teórica que serve para pensar e analisar cientificamente a realidade; ele é essa categoria justamente porque é algo vivido por nós e resultante de nossas ações”. Sem essa reflexão o homem e o seu espaço vivido ficavam mesmo estranhos, sem se entenderem. O rompimento com essa Geografia quantitativa, racionalista, acontece com a corrente humanista dentro da Geografia, que vem defendendo o homem, e o humano.

Como evidencia Callai, o espaço humano deve ser estudado, mas este humano como a gente que faz parte do espaço “como indivíduo social capaz de construir sua história, a sua sociedade, o seu espaço” (CALLAI, 2001, p. 34). Portanto, um homem como um produtor de cultura, assim a questão da subjetividade que aparece bem forte na defesa do entendimento dos conceitos de lugar e espaço vivido, o lugar ganha papel de destaque agora dentro da corrente humanista da Geografia. Assim sendo Lukermann (1964, p. 167-168) define a “Geografia como a ciência dos lugares”. Enfatiza o relativo, o cultural, a experiência histórica da humanidade como elementos decisivos, em relação aos atributos físicos da área, que foram muito valorizados na Geografia quantitativa. E reforça que “o conhecimento do lugar é um simples fato da experiência”. Esse conhecimento a partir da experiência vivida estabelece e forma o raciocínio geográfico dos sujeitos no espaço, “existe hoje uma vivência cotidiana de espaço como simultaneidade e de tempo como universalidade” (CAVALCANTI, 1998, p. 16).

A Geografia hoje trabalha com os conhecimentos ligados ao mundo vivido. A Geografia escolar parte da experiência de vida dos alunos para construir o conhecimento científico. A articulação entre os conceitos que os alunos trazem da vida para a sala de aula, precisam ser convertido para um saber mais elaborado, um saber científico. Como reforça Resende (1989, p.20). “Se o espaço não é encarado como algo em que o homem, (o aluno) está inserido, natureza que ele próprio ajuda a moldar, a verdade geográfica do indivíduo se perde e a Geografia torna-se alheia para ele”. O saber acumulado pelos alunos vem da experiência de vida, das suas relações sociais que são construídas no cotidiano do seu espaço vivido. É necessário que a escola, e que os professores reconheçam e respeitem esse saber

anterior ao da escola, para isso as escolas devem trabalhar essas questões com maior sensibilidade, pois segundo Freire (2001), “o caminho da existência vai do lugar para o mundo”. Assim, ficará mais fácil promover socialmente esses indivíduos, despertando neles uma curiosidade epistemológica, para superar a curiosidade ingênua, como afirma Freire, “essa rigorosidade metódica é que faz a passagem do conhecimento ao nível do senso comum para o conhecimento científico” (FREIRE, 2001, p. 78).

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino com proposta político-pedagógica diferenciada da modalidade regular, como uma organização curricular também diferenciada, pautada na singularidade de vida dos sujeitos. Logo, as relações do ensino-aprendizagem, as metodologias de trabalho docente, a formação do professor que atua nessa modalidade necessitam contribuir para uma formação comprometida para a cidadania dos alunos trabalhadores, buscando sempre as possibilidades de desenvolvimento de uma educação que priorize a formação crítica e emancipatória desses indivíduos.

É essencial o reconhecimento da diversidade de experiências advindos dos saberes pré-escolares dos alunos sobre o seu mundo vivido, considerando suas diferentes histórias e vivências, trabalhando com conteúdos claros e objetivos e oportunizando sempre o diálogo nas aulas, para que o conhecimento seja construído coletivamente. A Geografia, por si só, oportuniza essa possibilidade de se trabalhar com conceitos que os alunos trazem para a escola, como confirma Cavalcanti (1998, p. 33), “A Geografia trabalha com conceitos que fazem parte da vida cotidiana das pessoas e em geral elas possuem representações sobre tais conceitos”. A valorização desses conceitos pela escola é fundamental para que se criem os significados concretos da experiência de vida de cada um. Como diz Freire (2001, p. 14, 17), “temos que respeitar os níveis de compreensão que os educandos estão tendo da sua própria realidade [...]”. E que a “educação é um processo de construção de baixo para cima”. Portanto, deverá ser sempre construída de forma coletiva, valorizando os sujeitos que compõe todo esse processo.

#### **4. ESTRATÉGIAS PARA O TRABALHO COM O ESPAÇO VIVIDO**

Entre os objetivos pedagógicos que almejamos para se trabalhar com a percepção do espaço vivido, destacamos:



- Construir uma aprendizagem significativa, dos conceitos geográficos, para que o aluno compreenda melhor o seu espaço vivido, e o mundo, e que tenha consciência desse mundo para que possa melhor viver e atuar como cidadão crítico e consciente do seu papel social;
- Desenvolver nos alunos a capacidade crítica da percepção, da interpretação e da leitura da sua espacialidade, do seu mundo vivido, a partir da construção do conhecimento acumulado e da sua socialização, de ser agente no processo da construção do seu espaço vivido;
- Despertar o interesse, e sensibilizar os alunos para participarem das tomadas de decisões sobre a gestão, produção do seu espaço vivido, incentivando sua participação em associações comunitárias, debates e audiências públicas que definam estratégias e melhorias para o espaço.

Para cumprir tais objetivos, apresentamos os resultados do trabalho desenvolvido junto aos escolares.

#### **4.1 Grupo Focal (O lugar, mundo vivido, percebido e concebido)**

Valorizar o conhecimento que o aluno possui que é o saber de sua experiência no mundo e na vida, do senso comum, considerando o que ele sabe, e fazer com que perceba no processo da construção do conhecimento, o que não via, não percebia, não compreendia, confrontar os saberes cotidianos com os saberes científicos. A participação efetiva dos alunos nas aulas, seus depoimentos, precisam ser valorizados, propostas de atividades que possibilitem o diálogo, a fala de todos os envolvidos no processo da construção para o conhecimento. Trabalhar com a proposta de grupo focal como coloca Kind (2004, p 125) “Os grupos focais utilizam a interação grupal para produzir dados e insights que seriam dificilmente conseguidos fora do grupo”. É uma maneira de dar voz a esses sujeitos, para que eles relatem as suas histórias, vivências, realidades, impressões do seu cotidiano e lugar vivido, é uma maneira de se valorizar a particularidade e a subjetividade de cada um, com o objetivo de “obter uma variedade de informações, sentimentos e experiências, representações de pequenos grupos acerca de um tema determinado” (KIND, 2004, p.126).

Os educandos participaram ativamente da atividade proposta do Grupo Focal com depoimentos que expressaram os seus sentimentos, suas percepções e

subjetividade sobre o espaço vivido. A emoção e a sinceridade permearam os depoimentos. Constataram que o cotidiano corrido da cidade, a rotina de vida que levam impede outros e diferentes olhares sobre uma mesma espacialidade. Foram poucos os que relataram que costumam perceber o espaço e as transformações ocorridas nele. Mas todos se comprometeram daqui em diante, a estabelecer novos olhares sobre o espaço vivido. Os depoimentos gravados foram assistidos pelos educando que solicitaram e autorizaram a exibição das imagens que para fosse feito o feedback da atividade.

#### **4.2 Conceitos – Essências da Geografia – Paisagem, lugar, território, espaço geográfico**

Após a apresentação de diferentes vídeos e imagens que retrataram diferentes lugares, cidades, paisagens do Brasil. Os educandos foram estimulados a pensarem sobre as imagens apresentadas relacionando-as com o seu mundo vivido, refletiram sobre as diferentes paisagens e lugares, bem como as suas transformações que acontecem no espaço com o passar do tempo. Produziram um texto com as percepções sobre as mudanças ocorridas no espaço geográfico da cidade de Londrina tendo como base o vídeo sobre as transformações espaciais da cidade desde a sua colonização até os dias de hoje.

#### **4.3 Impressões e percepções – O significado da imagem – O meu lugar no mundo – Fotografia**

Os sentidos e a significação dos diferentes olhares dos educandos contribuíram para a efetivação da atividade, que teve como proposta fotografar o lugar preferido de cada um, o seu lugar no mundo, ou aquele lugar que tenha um significado e uma emoção toda especial para a sua existência, para cada fotografia escolhida, teve uma legenda com um pequeno texto que explicava a razão e a escolha por aquele espaço e aquela imagem. Trouxeram diferentes imagens, com diferentes lugares e olhares, com a subjetividade de cada um. As fotografias foram expostas no corredor da escola, e o resultado foi satisfatório, o coletivo da escola interagiu e refletiu sobre a proposta da atividade.

#### **4.4 A música como elemento de identidade e significado do mundo vivido**

Os educandos ouviram e acompanharam a letra da música *O lugar mais lindo desse mundo*, da banda Ultramen. Reescreveram a letra da música evidenciando os elementos presentes na letra que atribuem valor e significado ao lugar vivido relacionando a sua realidade de vida cotidiana e ao seu mundo vivido. Complementaram a proposta da atividade com música, com uma escolha livre de músicas que conheciam e que também trazia na letra mensagens sobre determinado lugar. Várias músicas foram apresentadas, com os mais diferentes estilos, justificaram as escolhas e os motivos por aquela determinada música e a emoção que causa. Algumas das músicas foram – O fim do mundo, Não há melhor lugar que BH, País tropical, Céu-sol-sul-terra-cor, Meu pequeno Cachoeiro, e outras.

#### **4.5 Mapas conceituais e Aprendizagem Significativa**

Formar sujeitos mais críticos e reflexivos para atuarem e se posicionarem em uma sociedade que se altera e modifica com grande velocidade é um desafio para a educação, para a escola e também para os professores, necessitamos de estratégias metodológicas e recursos que nos auxiliem em nossa prática docente para a mediação e construção do conhecimento para fazermos frente aos grandes desafios impostos, sobretudo pelas novas tecnologias de informação e comunicação. A utilização dos mapas conceituais para o ensino da Geografia é uma proposta que representa uma alternativa importante para a motivação e para uma aprendizagem significativa.

A aprendizagem significativa é aquela que possibilita a quem apreende fazer as relações com o conhecimento acumulado de sua própria experiência, como afirma Tomita (2009, p.87) “entende-se que o aprendizado terá maior motivação para o estudo quando se parte de conhecimento ou experiência prévia, com a compreensão do todo e das partes, revelando a estrutura hierárquica existente na sua mente.” O mapa conceitual é um recurso baseado na teoria de aprendizagem significativa de Ausubel. Segue Tomita (2009, p.88) “é uma representação que insere certa propriedade peculiar que indica relações entre conteúdos, por palavras ou frases de ligação, formando uma proposição”.

Foram produzidos vários mapas conceituais pelos educandos, enfatizando a temática do estudo proposto as Essências da Geografia – lugar, paisagem, cidade, espaço geográfico. Esses mapas foram expostos no corredor da escola, socializando assim a produção do trabalho com o coletivo da escola. Evidenciando a importância da Aprendizagem Significativa a partir do trabalho com os mapas conceituais que são representações que se estabelecem na construção das relações do conhecimento.

#### **4.6 Mapas Participativos**

Os educandos fizeram uma pesquisa nos bairros onde vivem junto às Associações de moradores para se interar melhor sobre o que cada bairro precisa de mais urgente e prioritário para que melhore a vida das pessoas que vivem naquele lugar, e quais as ações estão sendo colocadas em prática para que se encontre as possíveis soluções para cada problema. Falaram sobre a necessidade de vários equipamentos sociais e mapearam as áreas que poderiam receber esses equipamentos sociais que trariam as melhorias para o bairro.

### **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Trabalhar com as experiências e percepções de mundo e de vida dos educandos da EJA é uma maneira de valorizarmos esses sujeitos na construção do conhecimento, eles se tornam sujeitos e agentes neste processo. As atividades propiciaram que a subjetividade e a emoção pudessem ser exploradas, o que contribui para um resultado satisfatório de todo trabalho proposto, as experiências do mundo vivido foram evidenciadas e repensadas em cada uma das atividades, contribuindo assim para a reflexão e outros olhares sobre o espaço vivido.

Esta pesquisa contribuiu com a reflexão sobre o ensino de Geografia, valorizando o conhecimento cotidiano de mundo trazido pelos alunos da Educação de Jovens e Adultos para que esses saberes sejam reelaborados, ressignificados e confrontados com o saber científico, possibilitando para esses sujeitos uma melhor compreensão de seu mundo vivido.

## REFERENCIAS

- CALLAI, Helena C. **O lugar na Geografia e as monografias municipais**. Ijuí: Unijui, 2001. (Cadernos Unijui).
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia, GO: Alternativa, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas, SP: Papyrus, 1998.
- CLAVAL, Paul. **A Geografia cultural**. Florianópolis: Ed UFSC, 2001.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 25 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- \_\_\_\_\_. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23 ed. São Paulo: Cortez, 1989.
- FRÉMONT, Armand. **A Região, Espaço Vivido**. Coimbra: Almedina, 1976.
- KIMURA, Shoko. **Geografia no Ensino Básico: questões e propostas**. São Paulo: Contexto, 2008.
- KIND, Luciana. **Notas para o trabalho com a técnica de Grupos Focais**. Psicologia em Revista. Belo Horizonte, v. 10, n15., p. 124-136. Jun 2004.
- LUCKERMANN, F. **Geography as a formal intellectual discipline na the way in wich it contributes to humam knowledy**. Canadian geographer. 1964.
- MOTTA, Marlene François. **Espaço Vivido/ Espaço Pensado**. Dissertação de Mestrado apresentada a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências – Prógograma de Pós Graduação em Geografia para obtenção do título de Mestre em Geografia. Porto Alegre, 2003.
- NETO, Jonh Sydenstricker. Mapeamentos Participativos. Pressupostos, Valores, Instrumentos e Perspectivas. *R. B. Estudos Urbanos e Regionais*, v.10., n. 2 / São Paulo, novembro 2008.
- RESENDE, Márcia Spyer. **A Geografia do aluno trabalhador**. Caminhos para uma prática de ensino. São Paulo: Loyola, 1989.
- TOMITA, L. M. Saito. *Ensino de Geografia: Aprendizagem Significativa por meio de Mapas Conceituais*. **Tese** (Doutorado em Geografia) USP – Universidade de São Paulo, 2009.
- TIAGO, Bueno da Silva; CALLAI, Helena Copetti. A Geografia da vida cotidiana. **ENPEG**. 10 Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia. Porto Alegre – RS, 2009.